



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Uma hermenêutica de Lc 1,5-2,52: a partir do método exegetico praticado por Schwantes

A hermeneutic on LC 1.5 to 2.52: from the exegetical method practiced by Schwantes

*Adriano André Maslowski **

*Leandro José Kotz***

Resumo

Esta inflexão de pensamento exercita o método de leitura bíblica praticado por Milton Schwantes. Este caminho se distancia de outros consagrados como, por exemplo, o sincrônico e o diacrônico. Distancia-se justamente por integrar distintos passos e por realizar uma síntese que transcende didaticamente o que sintetiza. O escopo da presente interpretação é exercitar o método ensinado por Schwantes na porta de entrada do Evangelho Lucas 1,5-2,52.

Palavras-chave

Exegese. Evangelho de Lucas. Método de Schwantes.

Abstract

This inflection of thought exercises the Bible reading method practiced by Milton Schwantes. This path moves away from other established, for example, the synchronous and the diachronic methods. It distances precisely by integrating different steps and by making a synthesis that transcends didactically what it synthesizes. The scope of this interpretation is to exercise the method taught by Schwantes in the Gospel Luke from 1.5 to 2.52.

Keywords

Exegesis. Gospel of Luke. Method Schwantes

[Texto recebido em agosto de 2015 e aceito em novembro de 2015, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Graduado em Filosofia (IFIBE); graduando em Teologia (URI); pós-graduado em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica (UFFS); pós-graduado em Leituras da Bíblia e Mundo Contemporâneo. Contato: adrianolowski@yahoo.com.br.

** Graduado em Filosofia (IFIBE); graduando em Teologia (URI); pós-graduado em Leituras da Bíblia e Mundo Contemporâneo. Contato: leandrokotz@hotmail.com.

Considerações Iniciais

Algumas perspectivas hermenêuticas atuais apontam para a desabsolutização mecânica e dogmática do método na interpretação. Palmer sintetiza bem a preocupação com o dogmatismo do método: “assim o método é de fato uma forma de dogmatismo, separando o intérprete da obra, colocando-se entre esta e ele, e impedindo-o de experimentar a obra em toda a sua plenitude. A visão analítica é cega à experiência; é uma cegueira analítica”¹. Do mesmo modo, Gadamer em *Verdade e Método*², apesar do título rapidamente levar o leitor a ser tentado entender que Gadamer apresenta um *método* rigorosamente fundamentado para se chegar à *verdade*, apresenta um movimento de resistência aos rigorosos procedimentos científicos das ciências naturais.

No que diz respeito à interpretação bíblica, a reivindicação pela desabsolutização dos métodos necessita ser considerada de modo crítico. Desabsolutização não equivale ao abandono de métodos. Pelo contrário, o que está em jogo, é deixar o texto falar por si, transcendendo o seu enquadramento num esquema engessador. A pergunta, então, seria pelos métodos que melhor permitem o texto se revelar. Se o método obstrui estas possibilidades de sentido, então, a crítica é contundente. A visão analítica se desenvolve amplamente no berço do paradigma moderno, pois promove a ênfase do sujeito que por meio das faculdades inteligíveis, mediado pelo método (razão instrumental), destrincha o objeto produzindo conhecimento. Nesta premissa está latente a crença do idealismo e das ciências empíricas, conforme trabalhado por Gadamer. O indivíduo portador das faculdades do intelecto acessa a realidade por meio de categorias, apreende-a e desenvolve-a, sendo móbil o método.

Portanto, para os modernos o método é essencial, uma vez que conduz a dados claros e distintos. Por isso, ao matizar método, muitos associam a modernidade. Embora, seja uma associação pertinente não se pode esquecer que o método é condição antropológica e, portanto, anterior à modernidade. Viver é ação, e ações precisam de mediação, planos, caminhos, isto é, métodos.

Se, de um lado, está a desabsolutização mecânica do método, do outro, situa-se a condição antropológica (intrínseca) e é essa linha tênue (grosso modo é o problema aqui enfrentado) que assumimos como *grund* (fundamento) da interpretação bíblica. Nesse sentido, cabe destacar uma recíproca, qual seja: não há como interpretar sem método, e o método não pode ser determinante no conteúdo interpretado, pois o texto deve revelar-se (hipótese da investigação). Se isso é verdade, então, num primeiro momento apontaremos

¹ PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 248.

² GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

a necessidade do método no estudo bíblico, por segundo, aplicaremos o método de Schwantes³ ao texto lucano.

Bíblia como história e literatura

A Bíblia permite ser interpretada por um conjunto de métodos. Embora seja praticamente de conhecimento hegemônico essa pluralidade hermenêutica, ainda há quem assegure métodos fundamentalistas. A Bíblia como um livro “velho e novo” ao mesmo tempo é interpretada constantemente de modos diferenciados. Uns esperam discursos de Deus, outros enxergam um livro preocupado com a vida, um livro de conduta moral de um povo, regras de vida, outros como livro histórico, literário, teológico, entre outros. Na Bíblia encontram-se relatos, por vezes na forma de crônica histórica, e outras vezes na forma de história. A maior parte da Bíblia é escrita como discurso histórico, movimentando a preocupação de um povo histórico, concreto.

Perceber o nível de envolvimento entre a *Bíblia e história*, é tomar conhecimento daqueles que escreveram o Antigo Testamento e o Novo Testamento: que a divindade – o Deus de Israel – do Judaísmo e do Cristianismo – *penetrou na história humana e organizou as coisas nos termos do seu próprio plano para a humanidade*. Ao fazê-lo, Ele tanto realizou os seus propósitos como se revelou ao seu povo. Por isso, os escritos não apresentam as descrições abstratas da divindade. *Mas mostram o que Ele fez em relação ao e com o povo*. Quem narrou estes livros foram homens/mulheres históricos e que viveram em um determinado contexto. Portanto, estudar Bíblia é estudar, também, história. E uma história específica.

³ Exercitar o método de Schwantes exige uma preliminar, qual seja elucidar e apreender o mesmo. Com o escopo de suprimir esse *a priori*, de imediato salta uma aporia: Milton não escreveu acerca do seu método. Contudo, Lucas Merlo Nascimento objetiva os traços gerais desse exercício exegético, o qual servirá de guia nessa interpretação. O primeiro passo exegético é a pergunta pela **Forma**, concerne a: A) delimitação da perícopes, B) análise da coesão (rupturas, enxertos, justaposições entre outros), C) estilo e D) gênero do texto. A segunda incursão trata do **Ambiente**, ou seja, o contexto do texto. Investiga: A) idade do texto, isto é, o período histórico, B) o seu entorno histórico e C) sociológico (camadas sociais presentes), D) possíveis conflitos e E) se entre os personagens se encontra grupos religiosos, F) ambiente nacional ou internacional, e G) a geografia. Por fim, uma abordagem do **Conteúdo**, nesta se inquirir sobre a A) temática, B) as tradições teológicas subjacentes, C) as ideias teológicas e a partir disso, D) qual espiritualidade nasce do texto. “O Prof. Milton utilizava esse método pela relação lógica entre suas etapas. Na trilha da Crítica das Formas, porém utilizando-a para compreender conteúdos, Prof. Milton propunha que um determinado gênero (última etapa da análise da forma) carregava consigo seu ambiente, o *SitzimLeben*, e que os conteúdos de um texto fazem sentido quando pensados como (forma) e onde (ambiente) foram proferidos. Desta maneira a sequência não é apenas ocasional, mas lógica” (NASCIMENTO. Lucas, Merlo. A Bíblia e a vida: O método exegético de Milton Schwantes. *Revista Caminhando* v. 17, n. 2, p. 55-63, jul./dez. 2012. p. 59).

Limites da Bíblia como história

Embora haja um vínculo entre Bíblia e história, não podemos ler a Bíblia somente como um livro de história. Ainda que seja um livro longo, a Bíblia não é longa suficiente para cobrir uma história que se estende dois mil anos. Uma obra sobre uma guerra, um acontecimento histórico em um período de 20/30 anos são necessárias milhares de páginas. Por isso, para ser um livro de história de 2.000 mil anos seriam necessários vários volumes.

Hoje se exige dos historiadores o máximo de objetividade, de detalhes. Na Bíblia é diferente. Eles contavam o passado, não em benefício do passado, mas em benefício do presente. Isso é um axioma aplicável para todas as partes da Bíblia. A Bíblia ela é subdividida em duas partes: Antigo e Novo Testamento. No Antigo Testamento apresenta-se basicamente: *o Pentateuco*, um livro da Lei/Ensino, o que foi escrito, para contar às maravilhas que Deus havia realizado com o seu povo; isso eles chamaram de história da salvação; Javé é quem teria conduzido o Povo. *Os Profetas Anteriores*, chamada também de história Deuteronomista, é livro elaborado com cunho religioso e sua tese central é: Fidelidade-Trás-Recompensa e Infidelidade-Trás-Punição. Já o Novo Testamento, que segue a mesma orientação do Antigo, narra os relatos da vida de Jesus e das primeiras comunidades cristãs. Os evangelhos foram escritos porque os discípulos oculares estavam morrendo e a igreja nascente precisava de panfletos para os cristãos convertidos⁴. Os evangelhos não tem a preocupação de narrar à biografia de Jesus.

Tendo presente estes elementos, podemos ver a limitação da leitura bíblica em perspectiva histórica. A seguir veremos a Bíblia como Literatura, evidenciando a presença literária na redação dos textos bíblicos.

Limites da Bíblia como literatura

Todos podem ler a Bíblia. Para acessá-la não é necessário estar ligado a uma crença religiosa. Para nós, tornou-se um livro religioso, mas ela é também um livro de literatura. Quando falamos em Literatura é no termo mais amplo. Envolve poesia, teatro, contos, drama, mas há genealogias, decretos, instruções, leis, cartas, etc. Por isso, na Bíblia são vários livros, uma biblioteca de escritos religiosos e nacionalistas.

A Bíblia não é um livro único como muitas vezes esperamos, é uma coletânea de textos e mensagens. *Não há um estilo bíblico, um ponto de vista bíblico, uma mensagem, mas há estilos, pontos de vista e mensagens.* Por isso, se a Bíblia não é interpretada corretamente pode produzir enormes prejuízos éticos, e assim justificar – “assim está na Bíblia”. Se insistirmos a Bíblia como uma única obra unificada e homogênea, seremos obrigados a ignorar o que se sabe sobre as origens e a composição.

⁴ BROWN, Raymond. *As Igrejas dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 13-21.

Quanto aos redatores, nenhum deles é identificado na Bíblia. Os redatores diante dos escritos confeccionaram uma versão acabada dos textos. Eles selecionaram, reorganizaram, e acrescentaram os vínculos necessários e inseriram explicações.

No Novo Testamento são evidentes as atividades redacionais, por fragmentos anexados no próprio texto, como por exemplo nos sinóticos. A tese mais aceita, que Mateus e Lucas, adaptaram o evangelho mais antigo – Marcos – para os seus próprios propósitos, mas trabalhando independente. Mas cada um deles também se baseou em outras fontes: Quelle (Q), oral e a fonte da comunidade. A crítica redacional tem por objetivo clarificar o autor e as fontes utilizadas na escrita do evangelho. Nota-se que Marcos baseava-se em tradições da vida de Jesus que herdara. Mateus e Lucas, embora seguissem várias fontes, também tinham concepções pessoais e comunitárias.

A importância dos redatores é fundamental. Sem eles não teríamos a Bíblia. Documentos e fontes se reúnem para formar unidade literária. Por isso, não podemos abdicar de ler os textos sem um método razoável. A seguir, iremos refletir sobre métodos de leituras da Bíblia, sobretudo direcionando o texto para uma Leitura da Bíblia no mundo contemporâneo trabalhando com o método de Milton Schwantes.

Métodos bíblicos

Com o passar dos séculos, novos acontecimentos, novas realidades provocaram a visualizar métodos para interpretar a Bíblia. A revelação não mudou, mas a maneira de compreender a “Palavra de Deus” mudou. O progresso alcançado nas ciências humanas, arqueologia, astronomia, biologia, linguística, sociologia, lançou nova luz para o significado da Bíblia. Tudo isso exige métodos de interpretação.

A Igreja Católica Apostólica Romana demonstrando uma preocupação de que os fiéis entendessem a palavra de Deus, começou a se organizar elaborando algumas encíclicas, como podemos ver: Leão XIII, movido pelo desejo de dar um impulso à nobre ciência da Bíblia e a conferir ao estudo um sentido condizente com as necessidades da época presente, lançou a encíclica *Providentissimus Deus*, em 1893. Mais tarde, Pio XII compôs outra sobre os desenvolvimentos dos estudos bíblicos *Divino afflante Spiritu*, publicada em 30 de setembro de 1943⁵.

Depois do Concílio, o documento da Pontifícia Comissão Bíblica de 1993 sobre a leitura da Bíblia na Igreja celebrou o centenário da *Providentissimus Deus* por um “discurso do método” baseado na *Dei Verbum*, e o Sínodo Pós-Conciliar de 2008 avaliou a recepção da *Dei Verbum*, atualizando-lhe o

⁵ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 34.

enfoque e tendo seu resultado assumido na exortação apostólica *Verbum Domini* do Papa Bento XVI, de 2010⁶.

As encíclicas foram escritas devido à turbulência que a igreja estava vivendo. Com o avanço das ciências, revoluções, racionalismo, a igreja reagiu. A encíclica de Pio XII foi lançada na 2ª guerra mundial, mas somente 10 anos depois que começou a fazer efeitos. Nesse contexto, criou-se a comissão Bíblica. Essa comissão Bíblica lançou algumas instruções para interpretar a Bíblia numa perspectiva histórica e crítica, a saber:

1) Ler a Bíblia a partir de Jesus Cristo; 2) Leitura eclesial; 3) Leitura histórica e teológica e teológico-espiritual; 4) A Palavra única do Deus da Aliança; 5) A inevitável interpretação; 6) A hermenêutica, arte da interpretação; 7) O Sentido literal em corte diacrônico e sincrônico; 8) O sentido ampliado, ou “espiritual”; 9) A circularidade hermenêutica; 10) Sobre a “leitura latino-americana”; 11) Para a prática;⁷

Cabe lembrar também do método fundamentalista que atribui ao texto bíblico isenção de erro. Se “interpreta” tal e qual está escrito. Visando esta busca de contextualizar rapidamente a Bíblia como história e literatura, radicamos a importância de ler os textos da Bíblia a partir do método histórico-crítico.

Diante desta contextualização, das perspectivas interpretativas da Bíblia, percebemos que o método visa proporcionar maior objetividade na exegese dos textos bíblicos. Sobretudo, com um objetivo de elucidar a interdisciplinaridade hermenêutica naquilo que tange ao recorrer histórico e teológico da Bíblia.

Método exegético praticado por Schwantes

A facticidade histórica da cruz de Jesus se põe como fundamento no teologizar. De sorte que, não há como fazer teologia cristã razoável sem passar pela cruz. Para além das consequências dessa afirmação, queremos situar que, se a cruz é o *substractum*, então a vida pública de Jesus (suas opções em anunciar o Reino e o Pai) é decisiva. Nessa perspectiva, a cruz resulta como consequência histórica. Se isso é verdade, então, deve-se ler a infância de Jesus, bem como, sua ressurreição a partir da vida pública numa perspectiva teológica.

⁶ KONINGS, Johan. Interpretar a Bíblia aos cinquenta anos do Concílio Vaticano II . *Perspectiva Teológica*; N. 123, Belo Horizonte, 2012. p. 238.

⁷ KONINGS, 2012, p. 238-256.

Estudo da Forma

A primeira chave de leitura do texto de Lc 1,5-2,52 é a consciência de se tratar de um texto teológico, requerendo esse espírito para interpretá-lo. Dito isso, podemos introduzir o estudo da Forma, um procedimento aos moldes sincrônicos.

Para delimitar o início e o fim de uma perícopa se faz necessário o uso de critérios. Elencamos um, a saber, a unidade homogênea de sentido⁸. Em Lc 1,5 está o início da perícopa que é concluída em 2,52. Este bloco constitui uma unidade homogênea de sentido que discorre sobre a infância de Jesus. Nesta perspectiva, o texto apresenta uma coesão, isto é, uma sequencialidade textual, estruturada em forma de paralelismo antitético e sinonímico, conforme os quadros abaixo. Nos quadros que seguem, além de apresentar o paralelismo interno em Lucas, é apresentado o paralelismo externo com o Antigo Testamento, a fim de evidenciar o pressuposto primeiro de toda interpretação bíblica, a saber, que o texto bíblico é teológico.

“Podem-se detectar sete episódios: duas anunciações de concepção (João Batista, Jesus), a visita de Maria a Isabel, dois relatos de nascimento, apresentação de Jesus no templo, e o menino Jesus no templo, aos doze anos”⁹.

Ação de Deus na História da Salvação			
Lucas 1,5-25	Lc 1,26-38	Gênesis 16,1-16	Juizes 13,1-7.13-14
Contexto	Contexto	Contexto	Contexto
<p>5. No tempo de Herodes, rei da Judéia, havia um sacerdote chamado Zacarias. Era do grupo de Abias. Sua esposa se chamava Isabel, e era descendente de Aarão.</p> <p>6. Os dois eram justos diante de Deus: obedeciam fielmente a todos os mandamentos e ordens do Senhor.</p> <p>7. Não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e os dois já eram de idade avançada.</p> <p>8. Certa ocasião,</p>	<p>26. No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré.</p> <p>27. Foi a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José, que era descendente de Davi. E o nome da virgem era</p>	<p>1. Sarai, mulher de Abrão, não lhe dava filhos; mas tinha uma escrava egípcia chamada Agar.</p> <p>2. Então Sarai disse a Abrão: "Javé não me deixa ter filhos: una-se à minha escrava para ver se ela me dá filhos". Abrão aceitou a proposta de Sarai.</p> <p>3. Dez anos depois que Abrão se estabeleceu na terra de Canaã, sua mulher Sarai tomou sua escrava, a egípcia Agar, e a entregou como mulher a seu marido Abrão.</p> <p>4. Este se uniu a Agar, que ficou grávida. Vendo que</p>	<p>1. Os israelitas tornaram a fazer o que Javé reprova. E Javé os entregou aos filisteus durante quarenta anos.</p> <p>2. Havia um homem de Saraá, do clã de Dã, que se chamava Manué. Sua mulher era estéril e não tinha filhos.</p>

⁸ Cf: EGGER, Wilhem. *Metodologia do novo testamento*. Trad. Johan Konings. São Paulo: Loyola, 1994. “O texto é uma grandeza estruturada cujos elementos estão em interrelação, a própria análise que se pretende realizar mostrará a extensão do texto. [...] A delimitação exata do texto a analisar, ou seja, a individuação do início e do fim da unidade textual, pode-se efetuar somente no decorrer da análise (p. 53-54).

⁹ BROWN, 2004, p. 331.

<p>Zacarias fazia o serviço religioso no Templo, pois era a vez do seu grupo realizar as cerimônias.</p> <p>9. Conforme o costume do serviço sacerdotal, ele foi sorteado para entrar no Santuário, e fazer a oferta do incenso.</p> <p>10. Na hora do incenso, toda a assembléia do povo estava rezando no lado de fora.</p>	<p>Maria.</p>	<p>estava grávida, Agar perdeu o respeito para com Sarai.</p> <p>5. Então Sarai disse a Abrão: "Você é responsável por essa injustiça. Coloquei em seus braços minha escrava, e ela, vendo-se grávida, não me respeita mais. Que Javé seja nosso Juiz".</p> <p>6. Abrão disse a Sarai: "Muito bem. Sua escrava está em suas mãos. Trate-a como você achar melhor". Sarai maltratou de tal modo Agar, que ela fugiu de sua presença.</p>	
---	---------------	---	--

<p>Anúncio a respeito de São João Batista</p> <p>11. Então apareceu a Zacarias um anjo do Senhor. Estava de pé, à direita do altar do incenso.</p> <p>12. Ao vê-lo, Zacarias ficou perturbado e cheio de medo.</p>	<p>Anúncio a respeito de Jesus</p> <p>28. O anjo entrou onde ela estava, e disse: "Alegre-se, cheia de graça! O Senhor está com você!"</p> <p>29. Ouvindo isso, Maria ficou preocupada, e perguntava a si mesma o que a saudação queria dizer.</p>	<p>Anúncio a respeito de Ismael</p> <p>7. O anjo de Javé encontrou Agar junto a uma fonte no deserto, a fonte que está no caminho de Sur.</p>	<p>Anúncio a respeito de Sansão</p> <p>3. O anjo de Javé apareceu à mulher e lhe disse: Você é estéril e não tem filhos, mas ficará grávida e dará à luz um filho.</p>
<p>Conteúdo do anúncio</p> <p>13. Mas o anjo disse: "Não tenha medo, Zacarias! Deus ouviu o seu pedido, e a sua esposa Isabel vai ter um Filho, e você lhe dará o nome de João.</p>	<p>Conteúdo do anúncio</p> <p>30. O anjo disse: Não tenha medo, Maria, porque você encontrou graça diante de Deus.</p>	<p>Conteúdo do anúncio</p> <p>8. E lhe disse: "Agar, escrava de Sarai, de onde você vem e para onde vai?" Agar respondeu: "Estou fugindo de minha patroa Sarai".</p> <p>9. O anjo de Javé lhe disse: "Volte para sua patroa e seja submissa a ela".</p> <p>10. E o anjo de Javé acrescentou: "Eu farei a descendência de</p>	

<p>14. Você ficará alegre e feliz, e muita gente se alegrará com o nascimento do menino,</p> <p>15. porque ele vai ser grande diante do Senhor. Ele não beberá vinho, nem bebida fermentada e, desde o ventre materno ficará cheio do Espírito Santo.</p>	<p>31. Eis que você vai ficar grávida, terá um filho, e dará a ele o nome de Jesus.</p> <p>32. Ele será grande, e será chamado Filho do Altíssimo. E o Senhor dará a ele o trono de seu pai Davi,</p>	<p>você tão numerosa que ninguém poderá contar”.</p> <p>11. E o anjo de Javé concluiu: Você está grávida e vai dar à luz um filho e lhe dará o nome de Ismael, porque Javé ouviu sua aflição.</p> <p>12. Ele será potro selvagem: estará contra todos, e todos estarão contra ele; e viverá separado de seus irmãos.</p>	<p>5ab. Porque você ficará grávida e dará à luz um filho. A navalha não será passada sobre a cabeça do menino, porque desde o seio da mãe ele será consagrado a Deus.</p> <p>4. Tome cuidado: não beba vinho, nem qualquer outra bebida alcoólica, e não coma nada que seja impuro,</p> <p>Segunda aparição: [13. O anjo de Javé respondeu a Manué: “A mulher não poderá fazer nada daquilo que lhe foi proibido: 14. Não colocará na boca nada que seja feito de uva, não beberá vinho nem bebida alcoólica e não comerá nenhuma coisa impura. Ela deve observar tudo o que eu mandei”].</p>
<p>16. Ele reconduzirá muitos do povo de Israel ao Senhor seu Deus.</p> <p>17. Caminhará à frente deles, com o espírito e o poder de Elias, a fim de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos, preparando para o Senhor um povo bem disposto.</p>	<p>33. e ele reinará para sempre sobre os descendentes de Jacó. E o seu reino não terá fim.</p>		<p>5c. É ele quem começará a salvar Israel do poder dos filisteus.</p>

<p>Diálogo com o anjo</p> <p>18. Então Zacarias perguntou ao anjo: "Como vou saber se isso é verdade? Sou velho, e minha mulher é de idade avançada."</p> <p>19. O anjo respondeu: "Eu sou Gabriel. Estou sempre na presença de Deus, e ele me mandou dar esta boa notícia para você."</p>	<p>Diálogo com o anjo</p> <p>34. Maria perguntou ao anjo: "Como vai acontecer isso, se não vivo com nenhum homem?"</p> <p>35. O anjo respondeu: O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a cobrirá com sua sombra. Por isso, o Santo que vai nascer de você será chamado Filho de Deus.</p>		
<p>O sinal</p> <p>20. Eis que você vai ficar mudo, e não poderá falar, até o dia em que essas coisas acontecerem, porque você não acreditou nas minhas palavras, que se cumprirão no tempo certo.</p>	<p>O sinal</p> <p>36. Olhe a sua parenta Isabel: apesar da sua velhice, ela concebeu um filho. Aquela que era considerada estéril, já faz seis meses que está grávida.</p> <p>37. Para Deus nada é impossível.</p>		
<p>Conclusão</p>	<p>Conclusão</p>	<p>Conclusão</p>	<p>Conclusão</p>
<p>25. Ela dizia: "Eis o que o Senhor fez por mim, nos dias em que ele se dignou tirar-me da humilhação pública!"</p>	<p>38. Maria disse: "Eis a escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra." E o anjo a deixou.</p>	<p>13. Agar invocou o nome de Javé, que lhe havia falado, e disse: "Tu és o Deus-que-me-vê, pois eu vi Aquele-que-me-vê".</p> <p>14. Por isso, esse poço chama-se "Poço daquele que vive e me vê", e se encontra entre Cades e Barad.</p>	<p>6. A mulher foi falar assim ao marido: "Um homem de Deus veio me visitar. Pela sua aparência majestosa, parecia um anjo de Deus. Eu não perguntei de onde ele veio, nem ele me disse o seu nome.</p> <p>7. Ele só me falou o seguinte: 'Você ficará grávida e dará à luz um filho; tome cuidado para não beber vinho, nem qualquer outra bebida alcoólica, e não coma nada que seja impuro, porque o</p>

			menino será consagrado a Deus, desde o seio de sua mãe até o dia de sua morte' ".
<p>Descrição</p> <p>21. O povo ficou esperando Zacarias, e estava admirado com a sua demora no Santuário.</p> <p>22. Quando saiu, não podia falar, e eles compreenderam que ele tinha tido uma visão no Santuário. Zacarias falava com sinais, e continuava mudo.</p> <p>23. Depois que terminou seus dias de serviço no Santuário, Zacarias voltou para casa.</p> <p>24. Algum tempo depois, sua esposa Isabel ficou grávida, e se escondeu durante cinco meses.</p>	<p>Descrição</p> <p>39. Naqueles dias, Maria partiu para a região montanhosa, dirigindo-se, às pressas, a uma cidade da Judéia.</p>	<p>Descrição</p> <p>15. Agar deu à luz um filho para Abrão, e Abrão deu o nome de Ismael ao filho que Agar lhe dera.</p> <p>16. Abrão tinha oitenta e seis anos quando Agar deu à luz Ismael.</p>	

NASCIMENTO DE JOÃO BATISTA E DE JESUS

<p>Nascimento de João Batista</p> <p>57. Terminou para Isabel o tempo de gravidez, e ela deu à luz um filho.</p>	<p>Nascimento de Jesus</p> <p>6. Enquanto estavam em Belém, se completaram os dias para o parto,</p> <p>7. e Maria deu à luz o seu filho primogênito. Ela o enfaixou, e o colocou na manjedoura, pois não havia lugar para eles dentro da casa.</p>
<p>Visita dos parentes e vizinhos</p> <p>58. Os vizinhos e parentes ouviram dizer como o Senhor tinha sido bom para Isabel, e se alegraram com ela.</p>	<p>Visita dos pastores</p> <p>8. Naquela região havia pastores, que passavam a noite nos campos, tomando conta do rebanho.</p> <p>O conteúdo da visita segue de 9-20</p>
<p>Circuncisão de João Batista</p> <p>59. No oitavo dia, foram circuncidar o menino, e queriam dar-lhe o nome de seu pai, Zacarias.</p> <p>59. No oitavo dia, foram circuncidar o menino, e queriam dar-lhe o nome de seu pai, Zacarias.</p> <p>60. A mãe, porém, disse: "Não! Ele vai se chamar João."</p> <p>61. Os outros disseram: "Você não tem nenhum</p>	<p>Circuncisão de Jesus</p> <p>21. Quando se completaram os oito dias para a circuncisão do menino, deram-lhe o nome de Jesus, como fora chamado pelo anjo, antes de ser concebido.</p>

<p>parente com esse nome!"</p> <p>62. Então fizeram sinais ao pai, perguntando como ele queria que o menino se chamasse.</p> <p>63. Zacarias pediu uma tabuinha, e escreveu: "O nome dele é João." E todos ficaram admirados.</p> <p>64. No mesmo instante, a boca de Zacarias se abriu, sua língua se soltou, e ele começou a louvar a Deus.</p> <p>65. Todos os vizinhos ficaram com medo, e a notícia se espalhou por toda a região montanhosa da Judéia.</p> <p>66. E todos os que ouviam a notícia, ficavam pensando: "O que será que esse menino vai ser?" De fato, a mão do Senhor estava com ele.</p>	
	<p>Purificação de Maria e Jesus no Templo</p> <p>22. Terminados os dias da purificação deles, conforme a Lei de Moisés, levaram o menino para Jerusalém, a fim de apresentá-lo ao Senhor,</p> <p>23. conforme está escrito na Lei do Senhor: "Todo primogênito de sexo masculino será consagrado ao Senhor."</p> <p>24. Foram também para oferecer em sacrifício um par de rolas ou dois pombinhos, conforme ordena a Lei do Senhor.</p>
<p>Benedictus, profecia de Zacarias</p>	<p>Profecia de Simeão e de Ana</p>
<p>67. O pai Zacarias cheio do Espírito Santo, profetizou dizendo:</p> <p>68. "Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo.</p> <p>69. Fez aparecer uma força de salvação na casa de Davi, seu servo;</p> <p>70. conforme tinha anunciado desde outrora pela boca de seus santos profetas.</p> <p>71. É a salvação que nos livra de nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam.</p> <p>72. Ele realizou a misericórdia que teve com nossos pais, recordando sua santa aliança,</p> <p>73. e o juramento que fez ao nosso pai Abraão.</p> <p>74. Para conceder-nos que, livres do medo e arrancados das mãos dos inimigos,</p> <p>75. nós o sirvamos com santidade e justiça, em sua presença, todos os nossos dias.</p> <p>76. E a você, menino, chamarão profeta do Altíssimo, porque irá à frente do Senhor, para preparar-lhe os caminhos,</p> <p>77. anunciando ao seu povo a salvação, o perdão dos pecados.</p> <p>78. Graças ao misericordioso coração do nosso Deus, o sol que nasce do alto nos visitará,</p> <p>79. para iluminar os que vivem nas trevas e na sombra da morte; para guiar nossos passos no caminho da paz."</p>	<p>25. Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão. Era justo e piedoso. Esperava a consolação de Israel, e o espírito Santo estava com ele.</p> <p>26. O Espírito Santo tinha revelado a Simeão que ele não morreria sem primeiro ver o Messias prometido pelo Senhor.</p> <p>27. Movido pelo Espírito, Simeão foi ao Templo. Quando os pais levaram o menino Jesus, para cumprirem as prescrições da Lei a respeito dele,</p> <p>28. Simeão tomou o menino nos braços, e louvou a Deus, dizendo:</p> <p>29. "Agora, Senhor, conforme a tua promessa, podes deixar o teu servo partir em paz.</p> <p>30. Porque meus olhos viram a tua salvação,</p> <p>31. que preparaste diante de todos os povos:</p> <p>32. luz para iluminar as nações e glória do teu povo, Israel."</p> <p>33. O pai e a mãe estavam maravilhados com o que se dizia do menino.</p> <p>34. Simeão os abençoou, e disse a Maria, mãe do menino: "Eis que este menino vai ser causa de queda e elevação de muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição.</p> <p>35. Quanto a você, uma espada há de atravessar-lhe a alma. Assim serão revelados os pensamentos de muitos corações."</p> <p>36. Havia também uma profetisa chamada Ana, de idade muito avançada. Ela era filha de Fanuel, da tribo de Aser.</p>

	<p>Tinha-se casado bem jovem, e vivera sete anos com o marido.</p> <p>37. Depois ficou viúva, e viveu assim até os oitenta e quatro anos. Nunca deixava o Templo, servindo a Deus noite e dia, com jejuns e orações.</p> <p>38. Ela chegou nesse instante, louvava a Deus, e falava do menino a todos os que esperavam a libertação de Jerusalém.</p>
<p>Crescimento de João Batista</p> <p>80. O menino ia crescendo, e ficando forte de espírito. João viveu no deserto, até o dia em que se manifestou a Israel.</p>	<p>Crescimento de Jesus</p> <p>52. E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e graça, diante de Deus e dos homens.</p>

CÂNTICOS		
Lc 1,46-55	Lc 1,67-79	1Sm 2,1-10
<p>46. Então Maria disse:</p>	<p>67. O pai Zacarias cheio do Espírito Santo, profetizou dizendo:</p>	<p>1. Então Ana rezou esta oração:</p>
<p>Discurso espiritual</p> <p>"Minha alma proclama a grandeza do Senhor,</p> <p>47. meu espírito se alegra em Deus, meu salvador,</p> <p>48. porque olhou para a humilhação de sua serva. Doravante todas as gerações me felicitarão,</p> <p>49. porque o Todo-poderoso realizou grandes obras em meu favor: seu nome é santo,</p>	<p>Discurso espiritual</p> <p>68. "Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo.</p> <p>69. Fez aparecer uma força de salvação na casa de Davi, seu servo;</p> <p>70. conforme tinha anunciado desde outrora pela boca de seus santos profetas.</p>	<p>Discurso espiritual</p> <p>Meu coração se alegra com Javé, em Deus me sinto cheia de força. Agora, que eu possa responder aos meus inimigos, pois me sinto feliz com tua salvação.</p> <p>2. Ninguém é santo como Javé, não existe Rocha como o nosso Deus.</p> <p>3. Não multipliquem palavras soberbas, nem saia arrogância da boca de vocês, porque Javé é um Deus que sabe, é ele quem pesa as ações.</p>
<p>Discurso político</p>	<p>Discurso político</p>	<p>Discurso político</p>
<p>50. e sua misericórdia chega aos que o temem, de geração em geração.</p> <p>51. Ele realiza proezas com seu braço: dispersa os soberbos de coração,</p> <p>52. derruba do trono os poderosos e eleva os humildes;</p>	<p>71. É a salvação que nos livra de nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam.</p>	<p>4. O arco dos poderosos é quebrado, e os fracos são fortalecidos.</p>
<p>53. aos famintos enche de bens, e despede os ricos de mãos vazias.</p>		<p>5. Os saciados se empregam por comida, enquanto os famintos engordam com despojos. A mulher estéril dá</p>

		<p>à luz sete filhos, e a mãe de muitos filhos se esgota.</p> <p>6. Javé faz morrer e faz viver, faz descer ao abismo e dele subir.</p> <p>7. Javé torna pobre e torna rico, ele humilha e também levanta.</p> <p>8. Ele ergue da poeira o fraco e tira do lixo o indigente, fazendo-os sentar-se com os príncipes e herdar um trono glorioso; pois a Javé pertencem as colunas da terra, e sobre elas ele assentou o mundo.</p> <p>9. Ele guarda o passo de seus fiéis, enquanto os injustos perecem nas trevas - pois não é pela força que o homem triunfa.</p>
<p>Discurso étnico</p> <p>54. Socorre Israel, seu servo, lembrando-se de sua misericórdia,</p> <p>55. conforme prometera aos nossos pais - em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre."</p>	<p>Discurso étnico</p> <p>72. Ele realizou a misericórdia que teve com nossos pais,</p> <p>recordando sua santa aliança,</p> <p>73. e o juramento que fez ao nosso pai Abraão.</p> <p>74. Para conceder-nos que, livres do medo e arrancados das mãos dos inimigos,</p> <p>75. nós o sirvamos com santidade e justiça, em sua presença, todos os nossos dias.</p> <p>76. E a você, menino, chamarão profeta do Altíssimo, porque irá à frente do Senhor, para preparar-lhe os caminhos,</p> <p>77. anunciando ao seu povo a salvação, o perdão dos pecados.</p> <p>78. Graças ao misericordioso coração do nosso Deus, o sol que nasce do alto nos visitará,</p> <p>79. para iluminar os que vivem nas trevas e na sombra da morte; para guiar nossos passos no caminho da paz."</p>	<p>Discurso étnico</p> <p>10. Javé derrota seus adversários, o Altíssimo tropeja lá do céu. Javé julga os confins da terra. Ele dá força ao seu rei e aumenta o poder do seu ungido".</p>

A estruturação em forma de paralelismo interno (Lc 1,5-2,52) e externo (com o Antigo Testamento) é um indicativo do estilo singular de Lucas. No Antigo Testamento, encontram-se nascimentos bíblicos relevantes, de modo relativamente análogo ao nascimento de João Batista e de Jesus relatado em Lucas. Em Gn 16,7-12 (Ismael), Gn 17,15-22; 18,1-15 (Isaac), Jz 13,1-7 (Sansão). Há uma sequência de elementos que aparecem nos respectivos nascimentos. Cabe lembrar que alguns elementos podem variar no que concerne ao paralelismo externo. Quais sejam: a) Aparição Divina (Deus ou Anjo), b) Diálogo, c) Anúncio, d) Nome da criança é anunciado, e) Apresentação do Futuro daqueles que nascerão, f) Sinal, e g) Reação ao Anúncio.

Grosso modo, esse procedimento conduz a duas inferências: I) Lucas quer situar a identidade e missão tanto de João Batista quanto de Jesus. II) Em linhas gerais, subentende-se, que há uma ação contínua de Deus na história, de modo que se torna História da Salvação.

No que concerne ao estilo predominam dois. O primeiro em forma de lenda: anúncio do nascimento de João Batista (1,5-23), anúncio do nascimento de Jesus (1,26-38); nascimento de João Batista (1,57-58), nascimento de Jesus (2,1-20); circuncisão de João e Jesus (1,59-63; 2,21); Jesus no templo (2,41-52). O segundo estilo são hinos: Magnificat (1,46-56), Benedictus (1,67-79) e por fim, o Cântico de Simeão (2,29-32).

Esse estilo corrobora a hipótese acima aludida, a saber, o relato da infância é construção teológica. Ou seja, o paralelismo com o Antigo Testamento demonstra que a História da Salvação iniciada em Abraão (ou até mesmo Adão), em Lucas tem seu ápice com o nascimento de Jesus. Lucas não está preocupado com a historicidade dos fatos, mas em comunicar o conteúdo da ação Salvadora de Deus na história. O gênero literário que Lucas usa para difundir esse anúncio é o evangelho. Outro argumento que reforça a hipótese, bem como, o estilo de lenda, concerne à particularidade de conteúdos. Apenas em Lucas se encontram os cânticos, a visita dos pastores, circuncisão de Jesus e de João, Jesus no Templo, e a história de desenvolvimento de Jesus, ou seja, Jesus enquanto criança.

Estudo do Ambiente

No estudo do ambiente prevalece uma perspectiva aos moldes diacrônicos, por conseguinte, a preocupação central tange ao *Sitz im Leben*. Embora, Lucas não esteja preocupado com a historicidade, a narração se situa num tempo e espaço que busca responder a questões concretas do chão da vida. Estas podem aparecer no texto de forma explícita ou implícita. Cabe um olhar metodológico que se irrompa nas fissuras do texto na perspectiva de desvelar o contexto do texto.

A primeira pergunta conjuntural diz respeito ao pano de fundo histórico e a possível datação do texto. Frente a isso, a atitude hermenêutica elementar consiste em

deixar o texto falar por si, sendo tarefa do intérprete reunir os elementos revelados e combiná-los para abrir a teia histórica. Antes de analisar as informações oferecidas, cabe lembrar, que há dois contextos implícitos no evangelho. Primeiro, o contexto de Jesus, segundo, o do autor e/ou comunidade destinatária.

Segundo Brown, da redação do evangelho lucano se dá em torno de 85 d.C. Ora, nesse contexto, já existem comunidades consolidadas, resultado do período missionário. Portanto, o evangelho não tem por finalidade primeira ser combustível para a missão, mas ordenar os fatos que se cumpriram, conforme Lc 1,1-4. Supõe-se, então, que circulavam outras narrações, possivelmente não ordenadas.

Em 81 d.C. Domiciano se torna imperador. Seu governo é marcado pela hostilidade aos cristãos, vingativo, punitivo e autocrático. Buscou restaurar a religião romana. Nesse horizonte temporal Jerusalém perde importância para os cristãos (cabe lembrar a destruição do Templo em 70 d.C.), ademais já havia outras comunidades significativas, como: Antioquia, Éfeso e Roma.

O ambiente original, ou o período com o qual a narração se ocupa é esboçado logo de início. Diz:

Nos dias de Herodes, rei da Judéia, houve um sacerdote chamado Zacarias da classe de Abias; sua mulher, descendente de Aarão, chamava-se Isabel. [...] Ora, aconteceu que, ao desempenhar as funções sacerdotais diante de Deus, no turno de sua classe, coube-lhe por sorte, conforme o costume sacerdotal, entrar no santuário do Senhor para oferecer o incenso (Lc 1,5.8-9).

Destacamos duas informações relevantes, ambas fazendo referência a lugares, a Judéia (territorial) e o Templo (territorial simbólico), no tempo do rei Herodes. Por meio de uma leitura sociológica e histórica se percebe que o centro do poder nesse contexto é o Templo. A partir disso, se deriva um setor da sociedade implicado, os sacerdotes (Zacarias ocupa uma posição social relevante por meio das funções que exerce), ou até mesmo, toda a estrutura político-religiosa sustentada pelo e no templo. Lucas ao situar o templo logo no início da perícopes não o faz de modo aleatório e casual. Ademais, o paradigma social jorrava do Templo. Portanto, o evangelista ao posicionar o centro do poderio no início quer situar o projeto oriundo dali, que a seu ver é pervertido e precário. A este contrapõe um neoparadigma.

Se se pode identificar um setor da sociedade, desse se pode derivar outro. Ou seja, à medida que a estrutura do Templo é denunciada como inviável, deduz-se que há dois extremos, os que preservam e sustentam de um lado, e de outro os afetados dessa ação. Destarte, um primeiro conflito claramente acenado no texto é o Projeto do Templo *versus* o Projeto que nasce do Deus encarnado.

No nível teológico, pode-se situar outro conflito. O espaço tradicional do judaísmo como lugar teológico é o Templo. Antiteticamente a esse, Lucas situa a casa (Lc 1,40), e duas mulheres impossibilitadas de conceber, uma era estéril e a outra virgem. Note-se, a História da Salvação brota de lugares impossíveis, insignificantes e demasiadamente periféricos aos olhos humanos.

Um terceiro conflito, talvez não tão proeminente seja, a classe de Abias (Lc 1,5) *versus* a casa de Davi (Lc 1,27). Por fim, situamos o conflito que ressoa no *Magnificat*, de um lado os humilhados (Lc 1,48), e famintos (1,53) *versus* os de coração orgulhoso (Lc 1,51), poderosos (Lc 1,52) e ricos (1,53). Portanto, fica clarividente que Lc 1,5-2,52 é perpassado por conflitos de ordem social e teológica.

Para completar o estudo da forma, duas são as frentes interpretativas, a saber, desvelar se o ambiente é nacional ou internacional, e quais os espaços geográficos dos fatos. Se se pressupor o destinatário do evangelho então o ambiente é fora da palestina, portanto, internacional. O ambiente implícito, segundo Brown são “Igrejas afetas direta ou indiretamente (por meio de outros) pela missão de Paulo. Propostas sérias concentram-no em áreas da Grécia ou da Síria”¹⁰. Em relação aos espaços geográficos o texto faz referência a: Judéia (Lc 1,5), Galiléia (Lc 1,26), e Judá (Lc 1,39).

Estudo das temáticas

Segundo Gallazzi, a perícopes em questão é perpassada por conflitos. Assumi-los como pressuposto hermenêutico revela o conflito como lugar teológico. Esse ponto de partida conduz, invariavelmente, a implicações teológicas e sociopolíticas. “Nesta perspectiva, a história e seus conflitos são o elemento hermenêutico essencial”¹¹. De modo que não há como separar o conflito da história, isto é, do chão da vida.

O paralelismo lucano não é apenas recurso metódico, mas expõe de modo perspicaz dois paradigmas. A pergunta balizar a se fazer é: qual é a novidade do novo projeto? Essa indagação introduz uma problemática complexa, frente a qual buscaremos situar alguns macetes interpretativos.

A cena do primeiro anúncio introduz uma série de elementos teológicos e sociológicos. “Certa ocasião, Zacarias fazia o serviço religioso no Templo” (Lc 1,8). O lugar teológico é o Templo, no qual, Zacarias ocupa função de destaque. Junto com isso o autor situa o arquétipo de judeu, a saber, o casal sacerdotal, Zacarias e Isabel¹². “Ambos eram

¹⁰ BROWN, 2004, p. 329.

¹¹ GALLAZZI, Sandro. Javé é misericórdia: lendo Lucas 1-2. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, RJ, n. 53, p. 127-135, 2006/1. p. 127.

¹² Os nomes do casal apresentam um traço teológico? “Zacarias, que significa ‘Javé se lembra’, descendente de Abias (= Javé é Pai) e sua mulher Elizabete (ou Isabel = meu Deus é a plenitude). Ela tem o mesmo nome da mulher de Aarão, o irmão de Moisés e o pai de todos sacerdotes do Antigo Testamento”

justos diante de Deus e, de modo irreprensível, seguiam todos os mandamentos e estatutos do Senhor” (Lc 1,6). Os adjetivos demonstram que possuem uma conduta irreprensível, moral e socialmente aceita. Observa-se que o ideal é a observância da lei, todavia, é aporética, ou seja, não conduz necessariamente à *práxis* e, portanto, nem sempre é sinônimo de vida, pelo contrário, o texto lembra a dimensão da esterilidade. “Não tinham filhos, porque Isabel era estéril e os dois eram de idade avançada” (Lc 1,7). A conclusão de Lucas é radical, esse modelo de idade avançada não consegue gerar vida, é impotente.

Essas premissas provocam uma leitura pela lente social, que por seu turno gera uma suspeita razoável, qual seja, o casal sacerdotal está representando um estamento. Se isso é verdade, então há uma conotação social subjacente ao termo esterilidade.

Zacarias cumpria funções litúrgicas no Templo, enquanto o povo estava a sua espera do lado de fora, conforme Lc 1,8-10. No entender de Gallazzi, “a narrativa abre-se com uma liturgia que reflete e simboliza a realidade social: Deus e o povo estão separados, precisam do templo, do altar, do sacrifício e do sacerdote para se relacionar”¹³.

Contudo, ocorre um corte *kairológico*, qual seja, Zacarias recebe uma revelação divina. “Aparece-lhe, então, o Anjo do Senhor, de pé, à direita do altar do incenso. Ao vê-lo, Zacarias perturbou-se e o temor apoderou-se dele. Disse-lhe, porém, o anjo: ‘Não temas, Zacarias, porque tua súplica foi ouvida, e Isabel, tua mulher, te dará um filho, ao qual porás o nome de João’” (Lc 1,11-13). Portanto, o corte instaura uma novidade teológica com repercussão no âmbito estrutural (social), Deus gera vida.

A atitude de Zacarias diante do anúncio é incredulidade.

Zacarias perguntou ao Anjo: ‘*De que modo saberei disso?* Pois eu sou velho e minha esposa é de idade avançada’. Respondeu-lhe o Anjo: ‘Eu sou Gabriel; assisto diante de Deus e fui enviado para anunciar-te essa boa nova. Eis que ficarás mudo e sem poder falar até o dia em que isso acontecer, porquanto não creste em minhas palavras, que se cumprirão no tempo oportuno (Lc 1,18-20).

Se Zacarias representa um estamento ligado ao templo, então, em outros termos é o templo que permanece incrédulo. Ora diante disso, se faz necessário uma pedagogia desconstrutiva e isto, por sua vez, demonstra que Deus desmantela, mas não condena, oferece misericórdia. “O sacerdote e o templo terão que ficar calados, para poder contemplar as maravilhas de Deus e para poder ouvir as mulheres proclamar tudo que ele sabe e pode fazer”¹⁴. Ocorre uma guinada paradoxal na lógica judaica, as mulheres assumem o ‘papel dos doutores da lei’ e ensinam com autoridade um sacerdote. Ora,

(GALLAZZI, 2006, p. 128-129). Além disso, a história desse casal é análoga à história de Abrão e Sarai que também são estéreis. Lucas está preocupado em mostrar a continuidade na História da Salvação.

¹³ GALLAZZI, 2006, p. 129.

¹⁴ GALLAZZI, 2006, p. 129.

mulheres eram desprovidas de créditos para ensinar, o que acena para sua situação social, evidenciando outro conflito.

Antiteticamente a proposta tradicional do templo, Lucas posiciona outra mais periférica e singela. Maria uma virgem na casa em Galiléia (não mais no templo em Jerusalém, centro econômico, político e religioso, mas na periferia), também recebe um anúncio do Anjo Gabriel. “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!”. Ela ficou intrigada com essa palavra e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação. O Anjo, porém, acrescentou: ‘Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e o chamarás com o nome de Jesus’ (Lc 1,28-31).

Maria estava na condição de amaldiçoar o anúncio. Ademais sua situação se configuraria em adultério¹⁵, visto que estava prometida em casamento a José da casa de Davi. Esta revelação transcende/suprassume a outra, pois, o seu conteúdo não consiste em mostrar que Deus gera vida vencendo a esterilidade, mas se trata da encarnação de Deus. “Não se trata de atender a uma súplica, como foi no caso de Isabel e Zacarias. É que uma esterilidade vencida. Trata-se do *filho de Deus*, trata-se do *trono de Davi*”¹⁶.

Cabe frisar, não somente o conteúdo do anúncio é teológico, mas a reação de Maria ao anúncio não pode ser desconsiderada e até mesmo desmerecida, ademais é de natureza teológica. Maria tem consciência que a declaração divina não se objetiva por meio da ação humana, ou seja, só mesmo Deus pode efetivar o conteúdo da revelação. Por isso ela diz: “como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?” (Lc 1,35). Se para os homens é impossível, com efeito, para Deus não o é.

O Anjo respondeu-lhe: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice, e este é o sexto mês para aquela que chamavam de estéril. *Para Deus, com efeito, nada é impossível.*” Disse, então, Maria: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra! (Lc 1,35-38).

Portanto, a revelação divina para ser fértil requer a adesão humana, o que necessariamente implica em assumir as consequências. “Mais uma vez, o novo vai surgir desta mistura, inexplicável e invencível, entre o poder de Deus e a aceitação da gente”¹⁷.

O anúncio do nascimento de Jesus a uma virgem da Galiléia é um novo corte *Kariológico*. Diferentemente de outrora a vida/boa-nova nasce do pequeno e do inesperado, ou se preferir, da mulher, pobre e grávida, mas com sua total adesão e

¹⁵ Observa-se que Lucas faz o relato da infância de Jesus a partir de Maria, enquanto Mateus faz o relato da infância a partir de José.

¹⁶ GALLAZZI, 2006, p. 130.

¹⁷ GALLAZZI, 2006, p. 130.

compromisso na História da Salvação. Nesta altura, se percebe, inevitavelmente, que há um grupo social representado por Maria em conflitividade com o templo.

A reeducação de Zacarias é conduzida ao seu ápice na casa *ouvindo* as mulheres (Isabel e Maria), e em seguida vendo a ação concreta de Deus por meio do nascimento de João (nome que significa Javé é misericórdia). Só então começa a perceber os cortes *Kairológicos*. No encontro das mulheres (Lc 1,39ss) enxerga nitidamente a vida se manifestando no inusitado, ou seja, a ação concreta de Deus se irrompendo. “O encontro das duas é um momento de festa, de júbilo. Duas barrigas grávidas, quando deviam estar vazias. A vida prorrompe com força; da boca de Maria sai um cântico”¹⁸.

Memória dos pobres, dos que não esqueceram, como os sacerdotes do templo, quem é o nosso Deus. [...] Ela canta um Deus que é AMOR que olha para os humilhados, para os oprimidos, para os pequenos. Um Deus SANTO capaz de fazer coisas grandiosas em nós e de nos fazer feliz. Maria nos anuncia um Deus cuja a misericórdia perpassa todas as gerações. Uma MISERICÓRDIA que se revela no conflito: uma misericórdia que se manifesta, ao mesmo tempo, quando sua mão ergue o humilhado e quando seu braço derrubar o poderosos; uma misericórdia que sabe, ao mesmo tempo, encher de bens o faminto e esvaziar as mãos dos ricos. Dispersar os soberbos, derrubar os poderosos, esvaziar as mãos dos ricos é misericórdia, é a única maneira de eles conhecerem quem é o nosso Deus e de encontrarem vida. Por isso, o nosso Deus é um Deus JUSTO! [...] Zacarias esqueceu tudo isso e precisou ficar mudo, silenciado¹⁹.

O *Magnificat* é um hino de louvor à ação de Deus na história. O ponto de partida é *Deus que olhou* para a humilhação da Serva (v. 48, não olhou para a soberba, poderosa e rica) operando grandes obras em seu favor. A Serva representa todos os humildes em relação aos quais Deus realiza grandes coisas. Serva e humildes estão numa relação antitética com os poderosos e prepotentes. Estes estão teologicamente fechados a Deus e reproduzem a opressão. Este é o primeiro nível do cântico, o plano espiritual²⁰.

No segundo plano, que é da política, estão os poderosos que serão derrubados *versus* os humildes que são exaltados. No terceiro plano, discurso étnico, refere-se a Israel, o povo de Deus, que será socorrido para sempre²¹. Deus também age sobre os soberbos, os poderosos e os ricos, dispersando-os (desmantelando sua organização), derrubando-os e despedindo-os sem nada. Entretanto, oferece a misericórdia. Por outro lado, exalta os humildes que são cheios de misericórdia e sacia os famintos como prometera e fará isso para sempre, conforme v. 55. “Era isso que as famílias sacerdotais tinham esquecido: a

¹⁸ GALLAZZI, 2006, p. 130.

¹⁹ GALLAZZI, 2006, p. 130-131.

²⁰ BOFF, Clodovis. *Mariologia social: o significado da Virgem para a sociedade*. São Paulo: Vozes, 2006. p. 330.

²¹ BOFF, 2006, p. 330.

misericórdia de Deus! O templo proclamava que ofertas, sacrifícios e orações eram o bastante para vencer pecados e impureza. Nem se importavam com as injustiças”²².

Quanto a Isabel, completou-se o tempo para o parto, e ela deu à luz um filho. Os vizinhos e os parentes ouviram dizer que Deus a cumulava com sua misericórdia e com ela se alegraram. No oitavo dia, foram circuncidar o menino. Queriam dar-lhe o nome de seu pai, Zacarias, mas a mãe, tomando a palavra, disse: “Não, ele se chamará João”. Replicaram-lhe: “Em tua parentela não há ninguém que tenha este nome!” Por meio de sinais, perguntavam ao pai como queria que se chamasse. Pedindo uma tabuinha, escreveu “Seu nome é João”, e todos ficaram admirados. E a boca imediatamente se lhe abriu, a língua desatou-se e falava, bendizendo a Deus (Lc 1,57-64).

Zacarias em seu cântico faz memória da História da Salvação, lembrando a misericórdia de Deus com o seu povo. O processo pedagógico teve êxito. As duas camadas sociais encontraram um ponto de intersecção. “Misericórdia: esta palavra proclamada no cântico de Maria encontra seu eco nas palavras de Zacarias. Finalmente as duas casas falam a mesma língua”²³.

Apesar de falarem a mesma língua o ponto de convergência é tênue e o perigo de retrocesso ao paradigma do templo é constante (Lc 1,59-63). O nascimento de Jesus (o nome significa Javé salva, sua missão está contida em seu nome) da testemunha. Jesus é colocado na manjedoura (Lc 2,7), recebe a visita de pastores (Lc 2,16). Enquanto que João nasce na casa e recebe visita de vizinhos e parentes. Vê-se que o nascimento de Jesus é recheado de elementos sociais.

Considerações finais

O estudo bíblico é desafio e encontro com o totalmente diferente e outro. Várias gerações já se empenharam nesse labor, contudo o sentido da Palavra não se esgota. Por essa razão e outras que se constitui como desafio e encontro de dois mundos diametralmente distintos que se fundam na interpretação bíblica (aliás, como em toda interpretação): o mundo do texto e o mundo do intérprete²⁴. Desta fusão resulta uma equação de reciprocidade: a história de um povo que se tornou palavra e a palavra que faz jorrar história.

Comumente se pensa que um método adequado é aquele que permite alcançar e apreender o sentido do texto, evidenciando assim, a ação de Deus na história. Entretanto, pode-se inverter essa lógica. Ou seja, um método se torna frutífero à medida que, com ele, se consegue perceber a História da Salvação transbordando da Bíblia para a realidade

²² GALLAZZI, 2006, p. 131.

²³ GALLAZZI, 2006, p. 132.

²⁴ RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

hodierna, isto é, como cada intérprete consegue ver em sua pessoa e/ou comunidade a continuidade da História da Salvação. Portanto, o sentido do texto bíblico não se dá por meio de um método mecanizado, mas da fusão de mundos, ambos sentados no chão da vida.

Esse é um dos objetivos do método praticado por Schwantes. Trata-se de conduzir o texto para que revele seu sentido, sendo que essa revelação sempre é parcial. Para então num momento posterior ver o texto bíblico como um espelho da própria vida, sentindo que Deus continua agindo na história. O método de Schwantes não tem um fim em si mesmo, mas conduz, inevitavelmente, a um posicionamento diante do *descoberto*, que provoca uma *práxis*. Nessa perspectiva, o texto bíblico perde a sua aura de abstração, bem como se dá o rompimento do sentimento de estar longe espaço e temporalmente da realidade de cada exegeta/hermeneuta, ou se preferir, da vida das pessoas hodiernamente.

Quando o estudo bíblico é realizado a partir de um método adequado nos aproximamos de mundos possíveis. Desse modo, ler é Bíblia, a partir de um método exegético e hermenêutico adequado é se colocar no *Sitz im leben* (chão da vida) do texto e do intérprete. Milton Schwantes ao ler a Bíblia a partir do método exegético destaca a importância de estar situado neste contexto de dois mundos. Neste sentido, conduzir o texto para que ele revele seu sentido, é deixar o texto falar.

O método de Schwantes aplicado na porta de entrada do texto lucano, apresenta fragmentos da prática do autor ao descrever o relato histórico manifestando a sua voz diante da historicidade oral, e de outras fontes, da qual Lucas se deteve. No estudo exegético da forma, podem-se evidenciar elementos teológicos na perícopa Lc 1,5-2,52. Este dado é uma chave de leitura importante para conseguir sistematizar a forma do texto. No aspecto que tange o elemento exegético do ambiente, torna-se pertinente situar o *Sitz im leben* (chão da vida) do texto e do intérprete, afim de que nesse envolvimento as nuances possam falar. A exegese das temáticas bíblicas é contextual, teológica e sócio-política da época. Nesse sentido, para uma sistemática compreensão do texto bíblico, o âmbito hermenêutico precisa responder aos anseios estruturais dos envolvidos nestes aspectos temáticos.

Assim sendo, Schwantes ao apresentar seu método nos conduz a interpretações e posicionamentos. Provocando-nos a por em prática os elementos descobertos neste exercício exegético. Desse modo, a prática de leitura bíblica a partir do método de Schwantes apresenta, sobretudo, o desafio de compreender a historicidade de um povo e de trazê-la em sua sistematicidade para nosso contexto, fazendo uma aproximação entre a Bíblia e a vida.

Referências

BOFF, Clodovis. *Mariologia social: o significado da Virgem para a sociedade*. São Paulo: Vozes, 2006.

BROWN, Raymond. *As Igrejas dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1984.

BROWN, Raymond. *Introdução ao Novo Testamento*. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004.

EGGER, Wilhem. *Metodologia do novo testamento*. Trad. Johan Konings. São Paulo: Loyola, 1994.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GALLAZZI, Sandro. Javé é misericórdia: lendo Lucas 1-2. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, RJ, n. 53, p. 127-135, 2006/1.

KONINGS, Johan. Interpretar a Bíblia aos cinquenta anos do Concílio Vaticano II. *Perspectiva Teológica*, n. 123, Belo Horizonte, 2012.

NASCIMENTO, Lucas, Merlo. A Bíblia e a vida: o método exegético de Milton Schwantes. *Revista Caminhando* v. 17, n. 2, p. 55-63, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/CA/article/download/3477/3242>>. Acesso: 05 de abril de 2013.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1989.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 34.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.